

Vida Religiosa Consagrada e Sinodalidade



Copyright©: CRB Nacional

Editoração:

Foto de Capa: Francisca Veronilda da Costa

Design gráfico: Sirlete Regina da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V648 Vida religiosa consagrada e sinodalidade [recurso eletrônico] / Edgar Nicodem, Vanildo Luiz Zugno (Orgs.). – 1. ed. – Porto Alegre : ESTEF, 2023.
65 p. ; 23 cm.

Obra em parceria com a CRB Nacional.
Sistema requerido: *Adobe Acrobat Reader*.
Dados eletrônicos: 459 Kb.
Inclui bibliografia ao final de cada capítulo.
ISBN 978-65-87501-14-7.

1. Vida religiosa consagrada. I. Título. II. CRB Nacional.

CDU 261.34

Bibliotecária responsável: Andréa Fontoura da Silva – CRB10/1416



Rua Tomás Edson, 212
Santo Antônio do Partenon
Porto Alegre - RS

(51) 3217-4567
estef@estef.edu.br



CRB Nacional
SDS, Bloco H, Sala 507
Edifício Venâncio II
Brasília - DF
CEP 70393-900
Fone: 61-3226-5540
publicacoes@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br

Vida Religiosa Consagrada e Sinodalidade

Edgar Nicodem
Vanildo Luiz Zugno (Orgs.)



Rua Tomás Edson, 212
Santo Antônio do Partenon
Porto Alegre - RS

(51) 3217-4567
estef@estef.edu.br



Brasília
2023

Sumário

Apresentação	7
Tudo começou com “os discípulos do caminho”	13
O acesso para o Sínodo passa pelo Concílio Vaticano II ...	13
Conversão Eclesial permanente	15
Quem convoca é Deus.....	18
Referências	21
Memória de criatividade sinodal da VRC na História da Igreja.....	23
A sinodalidade e os carismas.....	31
Introdução.....	31
A diversidade e a unidade dos dons (1Cor 12,1-11).....	32
Os dons e a comunidade como Corpo de Cristo (1Cor 12,12-30)	35
Referências	40
Por um amanhã mais sinodal.....	43
Referências	49
A Vida Religiosa Consagrada (VRC) no estilo sinodal ferida com práticas anti-sinodais	51
A sinodalidade vertical e horizontal, profética e potencializadora de humanismo saudável	51
Anti-sinodalidade traiçoeira	55
Pistas preventivas	60
Elementos conclusivos	62
Referências	64

Apresentação

A 26ª Assembleia Geral Eletiva da CRB convidou os religiosos e as religiosas a “ressignificar a Vida Religiosa Consagrada no discipulado de Jesus Cristo, em sinodalidade, missionariedade e contínua conversão, à luz da Palavra”. Tanto o horizonte quanto as prioridades estabeleceram importantes pautas para o triênio. Além de aspectos práticos e organizacionais, é importante que o horizonte e as prioridades sejam dinamizados como elementos norteadores da vida e missão dos consagrados e consagradas.

Entre as diversas formas de aprofundar o horizonte e as prioridades do triênio, a Equipe Interdisciplinar, com a colaboração de outros religiosos/as, está elaborando e vai publicar uma série de reflexões, considerando os eixos das prioridades: discipulado, sinodalidade e missionariedade.

O primeiro conjunto de artigos a ser publicado será sobre Sinodalidade e Vida Religiosa Consagrada. O Papa Francisco afirma que “o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”. Trata-se de uma afirmação tanto programática quanto desafiadora. Desde os primeiros momentos de seu pontificado, o Papa Francisco manifestou através de palavras, gestos e iniciativas o sonho de uma Igreja sinodal em saída missionária.

O caminho sinodal é uma oportunidade para recuperar e aprofundar a autêntica experiência de fé do Povo de Deus

através de uma expressão viva de ser Igreja, marcado pela participação, incluindo as questões estruturais, constituindo-se uma autêntica experiência de fé. Por um lado, percebe-se alegria e entusiasmo com a perspectiva sinodal, por outro, há resistências de grupos que lançam mão das mais variadas estratégias para manter o “status quo”.

O sonho do próximo Sínodo é promover “uma Igreja cada vez mais sinodal também em suas instituições, estruturas e procedimentos, para constituir um espaço em que a comum dignidade batismal e corresponsabilidade na missão não somente sejam afirmadas, mas exercidas e praticadas” (*Instrumentum Laboris*, 21). Inegavelmente, a aposta no Sínodo é alta. O desejo é tocar a vida da Igreja Povo de Deus em todas as suas dimensões.

Pensar uma Vida Religiosa Consagrada fora do contexto da sinodalidade seria algo estranho ao Evangelho. Historicamente, no seguimento de Jesus Cristo, os religiosos e religiosas configuraram inúmeras experiências de sinodalidade, sendo inovadores em momentos cruciais da vida eclesial. A VRC tem muito a contribuir e receber do processo sinodal. Desde as origens há muitas experiências de sinodalidade na Vida Religiosa: assembleias, capítulos, modelos de gestão partilhada, protagonismo de leigos, delegação de responsabilidades e outras experiências que podem enriquecer as práticas sinodais da Igreja e repercutir positivamente nas ordens, congregações e institutos de VRC. Configurar uma Igreja sinodal, como lugar aberto, onde todos se sintam em casa, e possam efetivamente participar e ser protagonistas é um dos grandes desafios do Sínodo e da Igreja atual.

Com o objetivo de aprofundar o eixo da sinodalidade, vão ser disponibilizados cinco textos. Cada artigo é relativamente curto para que possa ser lido, pessoal ou comunitariamente, refletido, meditado, rezado e partilhado em comunidade. No final de cada artigo há um conjunto de perguntas para aprofundamento e partilha.

O primeiro artigo convida-nos a fazer memória da rica e significativa experiência do Concílio Vaticano II, desencadeada pelo Papa João XXIII. A Irmã Sueli Belatto, com sensibilidade e maestria, destaca elementos do contexto sociocultural e eclesial que são importantes para compreender o itinerário do Concílio Vaticano II. O Concílio Vaticano II continua sendo o referencial indispensável para retomar e avançar na Sinodalidade.

No segundo texto, os freis Luiz Carlos Susin e Rubens Nunes da Mota, convidam os religiosos (as) a fazer memória da criatividade sinodal da VRC na história da Igreja. Começando com os tempos apostólicos até os nossos dias, eles nos convidam a descobrir, em cada período, como a VRC, com criatividade, soube forjar experiências de sinodalidade, sendo muitas delas inovadoras. Considerando esse rico percurso histórico, o convite que nos fazem os autores é de criar e não lamentar.

O terceiro artigo, da Irmã Zuleica Aparecido Silvano, é sobre Sinodalidade e Carismas. A partir de uma acurada análise exegética da tradição paulina e de Lucas a autora desvela práticas sinodais do Novo Testamento. Os dons partilhados (sabedoria, fé, profecia, cura...) constroem comunidade. Além disso, a sinodalidade acentua a solidariedade, pois onde “um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um mem-

bro é glorificado, todos os membros regozijam-se com ele” (1Cor 12,26).

A perspectiva de um itinerário mais sinodal é a proposta do quarto artigo escrito pelas Irmãs Teresinha Mendonça Del’Acqua e Sylvania Aparecida Coelho. O período que estamos vivendo requer uma VRC nova como resposta aos clamores atuais. A construção de uma Vida Religiosa Sinodal é um caminho profético que oferece grandes possibilidades. Enveredar pelo caminho sinodal na VRC é expressar-se com amor, gratuidade, misericórdia, perdão, inclusão, alegria e humanidade. Assumir esse itinerário eclesial é participar de todo coração da proposta de uma Igreja Sinodal em Saída Missionária proposta pelo Papa Francisco.

O quinto e último texto desta reflexão é da Irmã Teresinha Mendonça Del’Acqua sobre *Vida Religiosa Consagrada: sinodalidade e antisinodalidade*. Com sensibilidade a Irmã Teresinha vai mostrando como paulatinamente a Igreja, e a própria vida VRC, foram se afastando da vivência sinodal. As consequências da anti-sinodalidade foram funestas. O insistente convite é avançar na aprendizagem e vivência do estilo sinodal, tanto na abrangência quanto na profundidade, com a transformação de paradigmas, práticas e estruturas.

O Sínodo para a Amazônia afirma que para caminhar juntos é necessária uma conversão sinodal. Uma conversão que em primeiro lugar é obra do Espírito que convoca todo o Povo de Deus à comunhão, participação e buscar novos caminhos eclesiais, especialmente de ministerialidade e sacramentalidade. Entre os protagonistas, o Sínodo destaca a vida consagrada, os leigos e as mulheres. Esperamos que os textos que estão sendo disponibilizados possam contribuir para que

como religiosos e religiosas possamos assumir o protagonismo nos pede o Sínodo para a Amazônia e a nossa última Assembleia Geral Eletiva.

Ir. Edgar Genuino Nicodem
Coordenador Equipe Interdisciplinar CRB Nacional

Fr. Vanildo Luiz Zugno
Publicações da CRB Nacional

Tudo começou com “os discípulos do caminho”

Ir. Sueli Bellato¹

O acesso para o Sínodo passa pelo Concílio Vaticano II

O Papa João XXIII convocou o Concílio Vaticano II e convidou à Igreja a ouvir a Palavra de Deus. Eleito em 28 de outubro, o Papa João XXIII assumiu o papado em 4 de novembro de 1958. Em 11 de outubro de 1961, ao convocar Concílio Vaticano II, o papa São João XXIII emitiu uma de suas frases que atravessou, e segue atravessando os tempos: “a Igreja deve abrir portas e janelas para tirar o cheiro de mofo”. A pergunta que podemos nos fazer: “Onde o Papa, filho do povo, que foi chamado para substituir o Papa Pio XII que esteve à frente da Igreja por mais de 20 anos, identificou o mofo?”

Descrevem os dicionários de língua portuguesa que o mofo decorre de ambientes com portas fechadas, falta de circulação de ar e luminosidade, favorecendo a proliferação de fungos. Esta ilustração remete a descrição verificada pelo

¹ Religiosa da Congregação de Nossa Senhora- Cônegas de Santo Agostinho, Mestra em Direitos Humanos. Coordenadora regional da CRB Brasília. Endereço para contato: bellatosueli@gmail.com

Papa João XXIII. Preocupado em retomar a fidelidade ao projeto de Jesus, o Papa Bom, identificou obstáculos a realização do projeto missionário e não foi poupado de incompreensões e sofrimentos.

Sua vivência em cargos diplomáticos, visitador na Bulgária, na Grécia, na Turquia e Nuncio Apostólico na França, marcada pelo apelo a favor da construção da paz e com o diálogo universal certamente contribuiu para a orquestração de evento do século, como foi considerado o Concílio Vaticano II.

A década de 1950-1960 introduziu acontecimentos que, em muito, impactaram a sociedade, grandes avanços científicos e tecnológicos e mudanças culturais e comportamentais, foi a época de importantes descobertas científicas como o ADN (Ácido Desoxirribonucleico, ou DNA). Foi a década em que começaram as transições de televisão, provocando uma grande mudança dos meios de comunicação. No campo da política internacional, os conflitos entre os blocos capitalistas e socialistas (guerra fria) ganhava cada vez mais força. 1959 acontece a revolução cubana e começa as guerras do Vietnã. Urgia uma mudança de postura também da Igreja.

As mensagens e participações do Papa João XXIII contribuíram para a importância de conversão do olhar e do agir de toda a Igreja.

João XXIII procurou promover a modernização da Igreja, determinando sua independência em relação aos poderes estabelecidos e divulgou a ideia segundo a qual a igreja devia intervir construtivamente em assuntos políticos, econômicos e sobretudo sociais.

Os problemas mundiais, as ruínas e a devastação acumuladas durante a guerra, a propagação da miséria em certas regiões, as epidemias favorecidas pela subnutrição, sem mencionar os problemas permanentes colocados pelo crescimento constante da população mundial foram temas tratados pelo Papa João XXIII durante seu governo, como o da *X Conferência Geral da FAO*, realizada em 10 de novembro de 1959. Os desafios apontados não seriam exclusivos para os participantes da Conferência, mas também para a Igreja. O apelo para trabalhar para a paz sempre foi recorrente nas falas do Papa.

Na noite de 11 de outubro de 1958, da sua janela para a janela do mundo, por ocasião da abertura do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII comoveu gerações de cristãos e não cristãos, num pronunciamento de improviso e cheio de ternura:

"Voltando para casa, vocês vão encontrar as crianças. Façam uma carícia nos seus filhos e digam: esta é a carícia do papa. Vocês vão encontrar algumas lágrimas para enxugar. Digam uma palavra boa: o papa está conosco, especialmente na hora da tristeza e da amargura". Era o célebre "Discurso da Lua" que Roncalli proferiu de improviso, enquanto o clarão da lua iluminava a multidão reunida na Praça de São Pedro (SÃO JOÃO XXIII..., 2023).

Conversão Eclesial permanente

Ao tornar público o anúncio da convocação do Concílio Vaticano II o Papa indicou o chamado à conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo:

Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. (...) A Igreja peregrina é chamada por Cristo à esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma». Há estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador; de igual modo, as boas estruturas servem quando há uma vida que as anima, sustenta e avalia. Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem fidelidade da Igreja à própria vocação», toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo. (EG, 26). (ARPEN, 2022).

Conhecedor das resistências e até mesmo oposições às mudanças, o Papa João XXIII cuidou de semear em bom terreno, onde *o solo ácido ou os espinhos* não impedissem o nascimento da boa semente.

Quem relata as atitudes prudentes do Papa João XXIII é Guido Gusso, “ajudante de quarto” que o acompanhou naquele 25 de janeiro de 1959, por ocasião do anúncio da convocação do Concílio. Em entrevista ao Observatório Romano, guardado em vídeo, o senhor Guido revelou que o anúncio e a dinâmica adotada pelo Papa de convocação do Concílio era para que a Igreja do Séc. XX não se omitisse do necessário diálogo com o mundo que mudava. E prosseguiu: “o Papa João XXIII guardou em segredo para que nada e ninguém o dissuadissem de tamanha missão inspirada e acompanhada todo o tempo pelo Espírito Santo”. (HÁ 60 ANOS..., 2019).

Guido foi também perspicaz no reconhecimento do mérito de outros dois Papas: Paulo VI, que sucedeu ao Papa João XXIII e deu prosseguimento aos trabalhos do Concílio e, um outro, chegado “do fim do mundo” o argentino Jorge Bergoglio, o Papa Francisco, que chegou para valorizar e dar impulso ao grande Concílio.

O Papa João XXIII, ao convocar o concílio, “falava de uma atualização, ou melhor ainda, de uma ventilação que dispersasse o mofo acumulado ao longo dos séculos” (ARPEN, 2022)

Assim, de 11 de outubro de 1962 a 8 de dezembro de 1965, o colégio de cardeais teve a oportunidade de conferir o “estado da arte” e buscar profeticamente novos ares.

O Concílio Vaticano II produziu duas Constituições Dogmáticas: a *Dei Verbum* (Sobre a Revelação Divina) e a *Lumen Gentium* (Sobre a Igreja). Também ofereceu à toda Igreja duas Constituições Pastorais Conciliares: a *Sacrosanctum Concilium* (Sobre a Sagrada Liturgia da Igreja) e a *Gaudium et Spes* (Sobre a Igreja no Mundo atual).

Para reconhecer a necessidade de buscar os desígnios de Deus é necessário ter acesso à Palavra de Deus. A *Dei Verbum* apontou para a preocupação de que, não somente o clérigo, mas também leigos e leigas tivessem acesso à Palavra de Deus, abrindo espaço para realidades eclesiais em que a Sagrada Escritura é rezada e também estudada. Custa crer que tenha sido necessário acontecer o Concílio Vaticano II para modificar a realidade de instituições religiosas que não permitiam aos seus membros livre acesso à Bíblia em nome da preservação exegética ou outro motivo.

Outra realidade contraditória é constatar até os dias atuais a falta de oferta de estudo da Sagrada Escritura em muitas comunidades para leigos e leigas.

Foi sopro do Espírito Santo, no Brasil, há 44 anos, mulheres e homens, a maioria religiosas, de diversas denominações cristãs, criarem o Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, hoje espalhados por todo o país, com o propósito de conhecer a

Palavra de Deus e realizar o desígnio do Pai de revelação da Palavra aos pequenos (Mt 11,25).

Quem convoca é Deus

É também pela Palavra de Deus que se entende a pertença ao Povo de Deus. Como afirmou Irmã Márian Ambrosio, “quem me convoca é Deus!” É com Ele que se sonha continuar a descer para junto do seu povo que sofre e suplica, que se estabelece uma aliança. Ao invés de fios que se entrelaçam, o que reúne as pessoas consagradas é uma vocação, aliás, uma com-vocação. Em uma comunidade religiosa, o testemunho das\dos Irmã\ãos se toca e experimenta, não através de sua capacitação para atingir os objetivos de um projeto, mas em sua extrema disposição interior de fazer parte deste “lugar teológico” desde o qual se grita ao mundo que Deus é comunidade (2021).

Um outro bom vento que o Concílio Vaticano II inspirou foi a reforma da Liturgia. Valendo-se do retorno às fontes bíblicas e patrísticas, permitiu resgatar o verdadeiro significado da Celebração da Palavra de Deus. E não menos importante, a adoção da língua vernácula e a posição do celebrante de frente para a comunidade, e não de costas para ela. O exercício do poder vivido sem o espírito do serviço ameaça a experiência fundante da transfiguração que somos convidados e convidadas a participar na Mesa do Banquete. Quantas comunidades, Brasil afora, desassistidas de padres celebram a sua fé nas Celebrações da Palavra.

Nas comunidades distantes e muitas vezes de difícil acesso, é a vida religiosa que se encontra presente animando,

lendo a Palavra de Deus, à luz da realidade e fazendo acontecer a sinodalidade, a fraternidade, o Concílio Vaticano II. Favorecer a leitura da Palavra de Deus significa muitas vezes lutar por direitos sociais, recorrer à implantação de políticas públicas, escolas, postos de saúde, transporte, tirar as escamas dos olhos, dar de comer a quem tem fome e animar os que estão desanimados. Assim a Igreja caminha com sua gente!

E, como num vendaval nos chega o Papa Francisco pisando manso, com os sapatos impregnados de América Latina, e firme como o Papa João XXIII

Eleito em 13 de março de 2013, verificamos que, também o Papa Francisco encontrou a presença de mofo e poeira. Ao público que deseja realizar novos eventos eclesiais, o Papa Francisco responde que ainda não se colocou na prática decisões anteriores. Perspicaz o Papa pode perceber que a realização de um novo evento não significa “avançar necessariamente para águas mais profundas”.

Transcorridos 60 anos do Concílio Vaticano II temos muitos dos mesmos desafios: guerras, mais irmãos e irmãs passando fome e vivendo em condições degradantes, mais violência, de um lado e, de outro, mais concentração de riqueza e poder nas mãos de poucos. Na Igreja, o clericalismo, o machismo, a invisibilidade dos humildes, os preconceitos, o individualismo, a adoção de práticas não compatíveis com a simplicidade e austeridade, o fechamento em si, recomendam a necessidade de arrependimento e conversão.

O Papa Francisco, na Encíclica *Fratelli Tutti*, nos convida a refletirmos e tomarmos consciência do “rumo que o mundo está tomando” e a crescente distancia que existe entre a obsessão pelo próprio bem-estar e a felicidade da humanidade.

Multidões deslocadas por motivos de fome, conflitos de diversas causas, guerras, perseguições, pobreza extrema, enormes desigualdades sociais, muitas vezes combinados com outros motivos, como por exemplo impacto de mudança climática clamam pela assistência da Igreja. É dentro desta realidade que somos chamados “a buscar um Deus verdadeiro e anunciar que Deus é um bem verdadeiro para todas as sociedades” (apud FT, n. 31, nota de rodapé). Este anúncio do Papa Francisco encontra-se em total sintonia com a inspiração do Papa João XXIII quando surpreendeu o mundo com a convocação do Concílio Vaticano II. O Papa Bom pensou no Concílio porque era visível que a Igreja tinha dificuldade em dialogar com o mundo moderno e não demonstrava estar disposta a discernir e agir de acordo com os gritos da humanidade.

Na busca de conviver com um Deus que caminha com o Seu povo e de realizar a fraternidade, à luz da renovação trazida pelo Concílio, parcela do Povo de Deus tem buscado responder ao chamado de amor do Pai. A criação das CEBs, grupos de pessoas simples que se reúnem para pensar juntos a sua realidade à luz da Palavra de Deus é a aplicação de Puebla. As CEBs “converteram-se em centros de evangelização e em motores de libertação e desenvolvimento” (PUEBLA, 96). Hoje este velho, e, sempre novo modo de ser Igreja, continua mais vivo e necessário do que nunca, justamente porque a Igreja ainda carrega o peso de suas estruturas que muitas vezes não favorecem a transmissão da fé.

O Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo. Apropriados do significado da atualização do projeto de Deus para constituição de uma comu-

nidade fraterna é necessário que, individual e coletivamente, contribuamos para afirmar com profetismo a Mensagem de Amor, Paz e Justiça pela qual Cristo foi assassinado, ressuscitou e vive no meio de nós e, trabalharmos para remover os empecilhos que seguem nos impedindo de vivermos como filhos e filhas do mesmo Pai. Esperemos que o Sínodo revigore os compromissos assumidos pelo Concílio Vaticano II . Até aqui a indicação de escuta, discernimento e participação no processo preparatório do Sínodo

Para dialogar em comunidade:

1. Como você viveu na sua comunidade as etapas preparatórias para o Sínodo da Sinodalidade que acontecerá em Roma?
2. De que modo sua comunidade vive a experiência do encontro e escuta do Deus da vida?
3. Que novos caminhos, a escuta e o discernimentos pessoal e comunitário, em sua comunidade tem indicado para atualizar a mensagem do Evangelho?

Referências

AMBROSIO, Marian. **Pronunciamento oral**. Assembleia Geral Eletiva da CRB. Brasília, 2022.

ARPEN, Jackson. **Um novo “aggiornamento” na Igreja**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-10/um-novo-aggiornamento-igreja-60-anos-concilio-vaticano-ii.html>. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

CELAM. **Documento de Puebla**. São Paulo, Paulus, 2004.

HÁ 60 ANOS o primeiro anúncio do Concílio Vaticano II. Uma inesperada primavera. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/586300-ha-60-anos-o-primeiro-anuncio-do-concilio-vaticano-ii-uma-inesperada-primavera> Acesso em: 22 ago. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**. Carta Encíclica sobre a Fraternidade Universal e a Amizade Social. São Paulo, Paulinas, 2020.

SÃO JOÃO XXII. **Festa sob o sinal do Concílio**. IHU Online, 11 de outubro de 2019. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/78-noticias/561090-sao-joao-xxiii-festa-sob-o-sinal-do-concilio>. Acesso em: 24 ago. 2023

Memória de criatividade sinodal da VRC na História da Igreja

Fr. Luiz Carlos Susin¹

Fr. Rubens Nunes da Mota²

Neste terceiro texto de aprofundamento da compreensão da sinodalidade na Vida Religiosa Consagrada (VRC), depois de examinar os problemas que nos desafiam e buscar as fontes carismáticas da sinodalidade da VRC no NT, vamos trilhar um pouco da história da VRC, fazendo memória da criatividade sinodal de modo especial em quatro passos para a edificação institucional da VRC: a) O amor que nasce na experiência de Cristo ressuscitado e seu Espírito, e que inspira as primeiras comunidades, buscando conviver de forma hospitaleira; b) Em um segundo momento, examinamos a organização *monacal*, embora com traços hierarquizantes, exercendo as novidades do “capítulo” e da mútua obediência; c. Na sequência, retratamos um período em que a forma de organização monacal já não respondia às novas exigências e o Espírito criou novas configurações em formas diversas de *fraternidades*; d. Com as transformações sociais da modernidade, o esforço por viver

¹ Frade Menor Capuchinho. Doutor em Teologia. Professor na PUCRS e ESTEF. Membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da CRB Nacional. Endereço para contato: lcsusin@puhrs.br

² Frade Menor Capuchinhos. Mestre e Doutorando em Psicologia. Endereço para contato: freirubens@hotmail.com

a vida em comum com novas missões, tempo de apostolado por *instituições apostólicas e missionárias*; e. E, por fim, com a orientação do Concílio Vaticano II, examinamos a grande movimentação da VRC com apelo a comunidades menores e inseridas em meios missionários populares para responder aos ‘sinais dos tempos’ e viver a sinodalidade partilhada para dentro e para fora.

1. “Vede como eles se amam” (Tertuliano): convém um preâmbulo, um horizonte para a paisagem que vamos percorrer aqui. Desde o Novo Testamento, a comunidade cristã testemunha o amor de Deus em Cristo Jesus, este único mandamento que liberta de tudo mais. Formam-se comunidades “transgressivas” do *status quo* social, comunidades de conversão, de partilha e comunhão, de irmandade sem discriminação e de testemunho até o sangue, o martírio. É o caso da Perpétua, a senhora, e de Felicidade, a escrava, que entram juntas, de mãos dadas, na arena dos leões diante da sanha da plateia. “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Este é o começo da sinodalidade, o “Caminho” a que Lucas se refere como *seguinte de Jesus* em seu evangelho e nos Atos dos Apóstolos, fundamento originário de toda VRC (cf. *Perfectae Caritatis* 1). Com o crescimento e a identificação da Igreja com a sociedade, essa etapa das fontes primárias de toda VRC entra em nova etapa histórica.
2. Já nos séculos III e IV sobrevém certa mediocridade, a burocratização religiosa e o esfriamento do primeiro amor nos grandes centros. Mas sopra o Espírito e a Palavra que levaram pessoas audazes ao deserto do Oriente, dando as-

sim origem à vida monacal cristã na solidão de eremitas e anacoretas – no ermo despovoado - repetindo até milhares de vezes o versículo da Palavra de Deus na meditação hesicasta. Assim, Paulo Ermitão, Evágrio, Antão e outros tantos recomeçaram no silêncio e na solidão. Mas Pacômio entendeu que é necessária mais presença, mais comunidade, e, inspirando-se em Macário, dá início ao *cenóbio* - como em uma colônia de protozoários, donde vem a palavra “cenóbio”: cada monge com sua casinha *unicelular* em torno de uma *casa central de oração comum*, nutrição para todos juntos. E daí para Basílio, no século IV, se dá o passo seguinte: a primeira comunidade toda reunida sob o mesmo teto em torno da liturgia. No Ocidente, Martinho de Tours, e sobretudo Agostinho uniram à solidão a paixão pela vida *em comum*, pela *comunidade de oração e de bens*, como os primeiros cristãos. Agostinho insiste no companheirismo que ajuda a viver a vida monástica. Bento e sua irmã Escolástica se tornariam a pedra de fecho dessa etapa monacal com o lema *Ora et Labora*: a irmandade monacal se sente reunida sob a autoridade de um pai ou de uma mãe comum. Nela todos/as podem também tomar a palavra, assim como se deve obediência também mútua, “uns aos outros”, e não somente ao superior (cf. Regra 71). Com o monaquismo inventa-se o *capítulo* – esta invenção de *sinodalidade* num mundo imperial extremamente autoritário e hierarquizado. O instigante filósofo italiano Giorgio Agamben, em seus dois livros *Opus Dei* (sobre política, mas desde a vida monacal) e *Altíssima Pobreza* (também sobre política, mas desde as fraternidades mendicantes medievais) anota que nesses espaços houve a ousadia de transgredir as estrutu-

ras impostas em seus contextos sociais, para inventar um mundo novo, com regras e relações novas, próprias. O despojamento, a irmandade em oração, a economia em comum e a reunião capitular nas decisões são quatro dispositivos decisivos para o que aqui nos interessa, a *sinodalidade*. Os mosteiros, primeiro no Oriente e depois no Ocidente, se multiplicaram de forma impressionante como alternativa à sociedade feudal.

3. Quando a vida monacal se mundanizava e começava a decair, não faltaram reformadores e novo espírito. Mas nos séculos XII e XIII toda a vida monacal não dava mais conta de uma sociedade mais dinâmica em que emergiam socialmente e politicamente as *comunhas*, os *burgos* e ensaios de repúblicas. Começam então a surgir as *Fraternitates* de diversos tipos, homens ou mulheres que, justamente em itinerância, em pregações ambulantes, andavam sempre em *irmandades*, em grupos – sinodais na missão. Ir. Delir Brunelli, em sua tese sobre Sta. Clara, evidencia diferentes grupos de mulheres que se reuniam então para um novo tipo de VRC apesar das imensas resistências de uma Igreja e sociedade patriarcal com toda autoridade masculina. Um movimento muito original, por exemplo, é o de Beguinhas, organizadas em pequenas aldeias como base para uma vida itinerante em grupos, pregando o evangelho de um lugar a outro. É impressionante o desconhecimento posterior, apesar de algumas dessas aldeias ainda existirem na Bélgica, sendo as mais conhecidas *beguinages* a de Bruges e a de Lovaina. Foram obrigadas mais tarde à vida das carmelitas de clausura, mas ainda assim subsistiram a seu modo até o século XX. É curioso, numa Igreja patriarcal, que os

begardos seguissem o modelo das beguinhas, e os franciscanos fossem escutar Santa Clara quando desapareceu São Francisco. Francisco e Domingos deram vida às mais conhecidas *Fraternitates* entre tantas Ordens mendicantes que elaboravam suas normas em comum, em reuniões capitulares. Além disso, em termos de sinodalidade, deram mais um passo, a eleição periódica dos encargos de ministros, acabando com cargos vitalícios. Com o rodízio, o poder não pode ser assimilado à pessoa, e terminado seu tempo, o ministro volta a ser um frade como todos os demais.

4. Já no século XVI, final da Idade Média e começo da Modernidade, Joana de Chantal começa a Ordem da Visitação (Visitandinas) no sul da França, Ângela Merici dá início a uma congregação de professoras e catequistas, as Ursulinas, seguidas no século seguinte por Irmãs de São José de Chambéry, pelas Filhas da Caridade ou Vicentinas. E assim, às vezes encorajadas outras vezes mal compreendidas e até perseguidas, sempre mais mulheres dão início a formas de vida em comum em contexto missionário e apostólico, na educação e no cuidado de crianças, doentes e idosos. O patriarcado eclesiástico encerra algumas em mosteiros e outras resistem, o que de qualquer forma será uma verdadeira explosão de criatividade a partir de então.
- 5 Observando de perto, as Ordens antigas, monacais ou mendicantes, acabaram ganhando vida nova, renovação e revitalização, sempre quando aceitaram receber influxos dos novos grupos que respondiam melhor aos sinais dos tempos. O que renova e dá vida nova é o melhor do antigo com o melhor do novo. Assim, os mosteiros contemplativos ganharam revitalização em contato com as fraternidades iti-

nerantes, e essas com a vida apostólica moderna, sobretudo a missão fora da Europa. No entanto, a modernidade acelerou a transformação do Ocidente com a industrialização, com a urbanização, com mais educação geral, com famílias menores, e com secularização. Todas as Ordens e Congregações, assim como a Igreja em sua totalidade, chegaram ao meio do século XX numa espécie de esquizofrenia, encerradas em uma linguagem exótica, anti-moderna. Marcadas por um modelo tridentino romanizante e por um estilo barroco repleto de sobreposições devocionais e costumes que se tornaram artificiais, pareciam realidades estranhas que começavam a minguar nos centros do Ocidente. Esclerosar ou buscar renovação?

6. Mais uma vez o Espírito e a Palavra vieram por João XXIII e o Concílio Vaticano II. O documento conciliar *Perfectae Caritatis* e depois a Exortação Apostólica de Paulo VI *Evangelica Testificatio* ofereceram critérios para renovação de todas as Ordens e Congregações: “desengessar” as instituições, centrar a espiritualidade na Palavra de Deus, sair da paralisia e do exotismo, renovar as Constituições, atender os sinais do Espírito no tempo presente, tornar a vida mais leve e mais “humana”, em irmandade renovada, comunidades menores e mais missionárias, abraçando a vida das Igrejas locais. Finalmente mais inseridas em meios populares, com rosto e linguagem mais popular. Em termos de sinodalidade, passou-se a trabalhar numa superação de uma obediência mecânica e vertical – “manda quem pode, obedece quem deve” – a uma obediência ligada ao *empoderamento*: se o poder, numa física *quântica*, é “capacidade de ação em conjunto” (Hannah Arendt), ou seja, exerce poder quem

empodera os demais, então o empoderamento na VRC se dá pelos carismas do Espírito partilhados a cada membro em vista da edificação comum. O exercício do poder partilhado, a mudança da palavra “superior” ou “superiora” para coordenador ou coordenadora, ministro ou ministra, etc. é um dos sintomas de nova sinodalidade nesse tempo. A vida mais inserida em missões no meio do povo reconfigura a sinodalidade em comum com o povo, não mais em conventos e grandes casas tradicionais. Assim, com o dinamismo da história e seus impactos na reconfiguração da VRC, finalizamos esta memória processual em que a sinodalidade se dá com vida cada vez mais em comum, em formas sinodais que não conhecem paredes, mas pontes até ecumênicas e interreligiosas. Quando o aspecto institucional endurece e trava a participação e a partilha inclusive do poder, novos sinais dos tempos são sinais do Espírito para a VRC.

Em conclusão, em termos de sinodalidade pode-se afirmar que a VRC conheceu um crescimento que parte da solidão do deserto e avança em direção a uma convivência cada vez mais intensa e participativa, ampla e aberta, sem descuidar a interioridade. Mantém seu coração na Palavra e na oração, mas se desenvolve em irmandade e em missões cada vez mais ousadas e inseridas junto ao Povo de Deus. Exerce as relações de poder e obediência cada vez mais com autoridade capitular e de forma participativa em vista da missão no mundo que a circunda. E, como bem anota Agamben, ela tem um ousado caráter transgressivo e criativo, moldando formas de vida em comum que convém chamar de proféticas e “contraculturais”, mas não exóticas e exibicionistas, em relação aos contextos sociais, culturais e eclesiais de seu tempo. Não é tempo, portanto, de lamentar, mas de criar.

Para dialogar em comunidade:

1. Com o breve itinerário histórico da descoberta de valores sinodais no seguimento de Jesus, o que este itinerário nos pode inspirar?
2. Em sua Ordem ou Congregação, qual foi a ousadia transgressiva das origens e o que elas ainda interpellam?
3. Examinando também para fora da Ordem ou Congregação, para a Igreja e para o contexto social em que nos é dado viver, o que o nosso exercício de sinodalidade pode aprender de outros e o que pode oferecer a outros no mundo ao nosso redor?

A sinodalidade e os carismas

Zuleica Aparecida Silvano¹

Introdução

O termo “sinodalidade” não ocorre na Bíblia, mas é possível verificar práticas sinodais nas comunidades primitivas descritas nos textos do NT (Gl 2,1-10; 1Cor 12-14; Rm 12 e At 15,1-35). A sinodalidade é fundamentada por uma espiritualidade de comunhão, baseada na experiência da Trindade, e que se expressa na corresponsabilidade e na participação de todas(os), dado que cada membra(o) tem a mesma dignidade de filha(o) de Deus recebida no batismo e é chamada(o) a estar a serviço. Nesse artigo refletir-se-á sobre a sinodalidade e os carismas (ministérios) (TABORDA, 1990; TABORDA, 2011, p. 149). É claro que no texto bíblico o termo “ministério” é *diakonía* (serviço), porém está vinculado à pregação. Assim, o ministério é um dos carismas a ser colocado a serviço da comunidade. Para aprofundar essa temática foi escolhido 1Cor 12, no qual Paulo se serve da imagem corporal e apresenta a unidade na diversidade de carismas recebidos pelo Espíri-

¹ Irmã Paulina. Doutora em Teologia Bíblica pela FAJE e mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico. Docente na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e assessora no Serviço de Animação Bíblica (SAB/Paulinas). Membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da CRB Nacional.

to Santo. Esses “dons espirituais” também são chamados de “serviço, realizações e manifestações do Espírito”, ressaltando os “efeitos e a unidade da ação de Deus na vida das comunidades” (ZABATIERO, 2020. p. 90).

A diversidade e a unidade dos dons (1Cor 12,1-11)

A igreja de Corinto é rica em dons concedidos pelo Espírito Santo. Contudo, destacava-se o dom de “falar em línguas” (a glossolalia), por evidenciar a ação poderosa do Espírito. Segundo Paulo, o critério para o reconhecimento dessas experiências carismáticas é ter a consciência de que são dons concedidos por Deus, gratuitamente, para estarem a serviço da comunidade, portanto não tem porque continuar essa disputa e a divisão entre os batizados.

Na introdução de 1Cor 12 (vv. 1-3), o autor apresenta os critérios para discernir as pessoas que receberam os dons espirituais daquelas que são falsas, ao partir da relação existente entre Espírito Santo, o messianismo e o senhorio de Jesus. Essa introdução é necessária, dada que os membros da comunidade confundiam os dons espirituais com os fenômenos das experiências de êxtase das outras religiões pagãs. Ao chamar os deuses de “ídolos mudos”, o autor sublinha o não envolvimento deles na história, ressaltando a dinamicidade do Espírito Santo e a presença de Deus em toda a trajetória do povo: Ele ouve, entra em comunicação, vê, vem ao encontro. Segue-se a apresentação da origem comum dos carismas, que é o Espírito Santo e sua ação em conceder e distribuir os dons para cada membro da comunidade. Em 1Cor 12,3-11, o

Espírito é designado como autor de uma intervenção direta na comunidade ao distribuir os carismas (v. 11), sendo um sujeito dinâmico e responsável pela ação. Porém, é notória a relação entre os dons distribuídos para os membros da comunidade e a menção a uma fórmula triádica (dado que ainda não há o conceito de Trindade). Assim, pode-se dizer que a diversidade dos dons e a sua unidade parte dessa harmonia entre as pessoas divinas e que essas “constituem um único princípio ativo e operante no batizado” (BARBAGLIO, 1989, p. 323).

Ao analisar a lista de dons percebe-se a criatividade do Espírito, que atua em consonância com a realidade dos membros que compõem a comunidade. Ao considerar a afirmação do v. 7, “a manifestação do Espírito é dada a cada um para o bem comum”,² pode-se dizer que nenhum membro é isento de dons, todos são envolvidos, e esses dons são concedidos para estarem a serviço da vida comunitária. Outro dado a salientar é a forma pela qual o Espírito se torna visível, para uma finalidade precisa: o bem comum. O Apóstolo ressalta ainda que o Espírito concede a diversidade de dons, e é a fonte de sua unificação. Por isso a insistência em dizer que esses diferentes carismas são segundo “o mesmo Espírito”. O primeiro dom é “da palavra de sabedoria”, que, ao estar associada à “palavra”, pode ser a sabedoria focada no discurso, no “ensino”, na “exortação”, ou seja, são pessoas que têm o dom da percepção correta da realidade e da conduta adequada na vida cotidiana, mas que nasce do profundo conhecimento do mistério divino, provavelmente, se refere ao dom do ensinamento. Enquanto o dom da palavra de conhecimento refere-se ao discurso mar-

² As traduções de 1Cor 12 são extraídas da tradução própria editada em: A BÍBLIA. Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 418-420.

cado pela compreensão dos mistérios cristãos, da revelação cristã (1Cor 2,11), que são compreensíveis para o pensamento humano por meio de seu Espírito. Pode ser também um aprofundamento sobre o mistério de Cristo, que são concedidos por Deus e não por um esforço humano de adquirir conhecimento. Essa ênfase no dom é importante para essa comunidade em Corinto, pelas diferentes concepções de conhecimento (o intelectual, a revelação, a aquisição de conteúdo) e por sua supervalorização. Ao dizer que é um dom espiritual e que deve estar a serviço da comunidade, Paulo exorta a ter cuidado em não fazer desse dom motivo de orgulho, de arrogância não edificando a comunidade (1Cor 8,1).

O terceiro dom é a fé, que, nesse contexto está relacionado com a capacidade de realizar milagres, prodígios ou de curar, seria a fé taumatúrgica (1Cor 13,3).

O dom da profecia não consiste na capacidade de anunciar, exortar e consolar (1Cor 14,3), dada a todos batizados. O profeta é antes de tudo um ser humano que está em íntima relação com o Espírito (1Cor 14,1), é o mensageiro de Deus, comunicando a sua vontade e a sua presença no meio do povo. O termo “profecia” algumas vezes pode ser interpretado como sendo fenômenos extraordinários, com revelações que são dadas pelo Espírito (2Cor 12,1.7; Gl 1,12). Porém, essas revelações são denominadas ora com a expressão “mandamento de Deus” (1Cor 14,37) ora com “Palavra do Senhor” (1Ts 4,15). Outras vezes, Paulo fala do profeta como aquele que transmite o que era oculto. Entretanto, o conteúdo deste mistério, que deve ser revelado, dá testemunho da justiça de Deus (Rm 3,21) e anuncia a Boa-Nova de Deus, que é Jesus Cristo (1Cor 4,1; 15,15). Mistério que fazia parte do plano de Deus, desde

antes da criação do mundo, e que é revelado por decisão de Deus (Gl 4,4).

Os dons da cura das doenças são vistos como prodígios. Ele está no plural (dons) para ressaltar que é dado por Deus para ocasiões específicas ou até mesmo para doenças diferentes, porque, para Paulo, as doenças eram resultantes da fragilidade humana, mas também do pecado.

Por fim, menciona a glossolalia, que consistia no dom de uma comunicação particular com o mundo celeste. Na comunidade de Corinto era considerado um dom por excelência, por estar vinculado às experiências de “êxtase espiritual”. Para Paulo, é uma manifestação da graça divina que edifica a Igreja, portanto é necessário ter alguém para interpretar a fim de ser um dom para a comunidade. Para o Apóstolo, todos os dons devem apontar para quem o concede (Deus), não para quem o recebe, nem para o mediador (o portador desse dom).

Os dons e a comunidade como Corpo de Cristo (1Cor 12,12-30)

A metáfora corporal remete à literatura greco-helenística (Aristóteles, Política V, 462d) e o apólogo de Menênio Agripa (Tito Lívio, Ab urbe condita 2,32) (ALETTI, 2010, p. 68-69). A diferença entre Menênio e Paulo é que, enquanto o primeiro deseja enaltecer a elite dirigente, o segundo exalta a necessidade dos membros mais fracos, menos nobres. Essa inversão está em estreita relação com 1Cor 3,7 e Fl 2,1-11, visto que a comunidade é o corpo de Cristo Crucificado e Ressuscitado, do Filho de Deus, que assume o processo de esvaziamento.

Essa perícopé começa com a comparação entre o corpo humano, que sendo um tem vários membros e Cristo. Essa comparação será desenvolvida nos vv. 14-26 e com Cristo nos vv. 27-30. Chama a atenção que a comparação com o corpo humano é, curiosamente, com Cristo, e não, inicialmente, com a Igreja. A escolha de “Cristo” facilita Paulo estabelecer uma relação entre o cristão (1Cor 6,15), o corpo crucificado e ressuscitado de Jesus (1Cor 1-4), o corpo eucarístico (1Cor 10,16-17) e o eclesial (1Cor 12). Os membros da comunidade, fundamentados em Jesus Cristo, comungam do mesmo pão eucarístico e, por conseguinte, estão interligados e complementam-se, em um sinal visível do amor de Deus. Deste modo, a comunidade é descrita como aqueles(as) que estão em Cristo. Cristo como uma entidade plural, que incorpora os batizados n’Ele. Isso é corroborado na frase seguinte, quando afirma que: “porque também, em um só Espírito, todos nós, em um só corpo, fomos batizados, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres, e, a todos, um só Espírito nos foi dado de beber”. Nessa frase também aparece o Espírito com essa função de criar comunhão entre esses diferentes membros provenientes de origem étnico-religiosas diferentes e de *status* sociais diversos, mas que pelo batismo constituem um único corpo. Pelo batismo forma-se uma unidade, porém não se fala de uma uniformidade étnica, social e cultural. De fato, pelo batismo o crente começa a fazer parte de um corpo eclesial, unificado pelo Espírito Santo. Salienta-se que no v. 12 há uma relação entre o Corpo e Cristo, no entanto, no v. 13, não aparece o termo “Cristo”, mas acentua o corpo eclesial, em seu sentido orgânico. Provavelmente, Paulo, ao utilizar o mesmo termo “corpo”, não visa acentuar a distinção entre esses dois aspectos, mas sim sua interdependência na pluralidade, mas garantindo a unidade.

Nota-se um paralelismo entre os vv. 14-18 que ressalta a multiplicidade dos membros e os vv. 19-26, que insiste sobre a solidariedade entre os membros da comunidade. Esse paralelo ajuda a compreender que Paulo, ao utilizar uma imagem conhecida na Antiguidade para outras finalidades, não tem a intenção de ressaltar os órgãos mais fracos, mas a apresentação dessa multiplicidade dos órgãos e suas funções visam a complementaridade e a solidariedade entre os membros da comunidade, sendo essas não só necessárias, mas queridas por Deus (v. 18).

Verifica-se uma hierarquização das funções ao considerar os membros superiores (vv. 19-24), que aqui representam as funções de apóstolos, mestre ou de coordenadores da comunidade, e os “inferiores”, que são os executores das tarefas. Essa hierarquia torna todos interdependentes uma vez que todos cooperam para a unidade do corpo. Assim, na comunidade cristã os membros fracos e deficientes são fundamentais, e a esses é concedida mais “honra” (1Cor 12,24). Por isso, a comunidade é chamada a se preocupar com os mais vulneráveis, mais fracos, pois, sem esses, não seria possível a experiência do amar e servir.

A frase “se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é glorificado, todos os membros regozijam-se com ele” (1Cor 12,26) chama a atenção para sinodalidade que acentua a solidariedade, mas também a comunhão que há nesse corpo eclesial com a alegria e o sofrimento entre os membros como um sinal profético. Essa comparação também é aplicada para compreender a diversidade e a unidade dos dons espirituais (vv. 27-30), dado que são diversos dons que os membros recebem no ato batismal, com funções diferentes,

porém são complementares e mantêm a unidade do corpo eclesial. Paulo emprega “*ekklesia*” (v. 27), uma palavra grega, que pode ser traduzida por “congregação”, “assembleia”, “igreja”, “reunião”, “comunidade”.

Essa palavra, na cultura helenística, provém de *ek-kaleô*, que significa “chamar”, “convocar” e designava a assembleia popular dos cidadãos livres das cidades-estados, que se reuniam para tomar alguma decisão política ou judicial. Porém, era aplicado apenas quando estavam reunidos, portanto referia-se a uma reunião extraordinária ou a reuniões regulares para discutir assuntos referentes à cidade. Na Septuaginta (versão grega da Bíblia), *ekklesia* traduz a palavra hebraica *qahal*, na expressão que poderia ou não ter uma conotação religiosa. Esse termo designa a comunidade de Israel reunida ao redor da Palavra de Deus no Monte Sinai (Dt 4,10; 18,16), ou uma comunidade de pessoas ligadas ao Deus de Israel, que recebem d’Ele os ensinamentos para poderem organizar a vida comunitária e social. (SILVANO, 2021. p. 28-29).

Nas cartas paulinas, *ekklesia* nomina a assembleia local daqueles que aderem a Jesus Cristo; as comunidades primitivas que se reuniam nas casas, as chamadas “igrejas domésticas”. O Apóstolo emprega esse vocábulo para falar dos cristãos das comunidades locais e do grupo cristão em seu conjunto (1Cor 15,9; Gl 1,13; Fl 3,6), por isso pode-se dizer que, nesse contexto, é possível interpretar nesses dois aspectos. A grande novidade de Paulo foi servir-se de uma expressão típica do judaísmo e aplicá-la às comunidades constituídas de pessoas da cultura gentílica, com esse sentido de sinodalidade. Assim, a comunidade em Corinto faz parte do povo eleito e é essa comunidade de pessoas livres que se reúnem por sua adesão a

Cristo. Portanto, “Corpo de Cristo” não é uma metáfora para descrever a comunidade, nem é sinônimo de Cristo, mas para afirmar nosso ser em Cristo (Gl 3,28b). E mais, é interessante entender a menção aos dons e à sua hierarquização, quando o Apóstolo elenca, nos três primeiros postos, os apóstolos, os profetas e os mestres.

Esses três serviços estão relacionados com a palavra, aquilo que Paulo descreve com os dons da palavra de sabedoria e conhecimento. Eles são apresentados por primeiro, pois estão vinculados ao Espírito, que é aquele que concede o dom da palavra, e também por ajudar na edificação da comunidade como pessoas enviadas por Deus, para falar em seu nome. Depois apresenta os dons de “realizar prodígios” e os “dons de curas”, esses estão vinculados, por serem ações extraordinárias, gestos taumatúrgicos.

É importante salientar que, ao ter presente os gestos de Jesus e seu mandato missionário, o anúncio do evangelho e a cura dos enfermos são os mais importantes testemunhos da instauração do Reino de Deus. Em seguida cita o dom de “dar assistência, a capacidade de governar”, que estão mais relacionados à execução de tarefas na comunidade. Por fim, acrescenta “o dom de falar em línguas diferentes”. Essa posição no final da lista parece ser proposital, por ser um dom considerado maior do que os outros. Assim, Paulo o relativiza e afirma que é também necessário para a edificação da comunidade, quando há quem interpreta a mensagem pronunciada nessas “línguas” chamadas celestiais (1Cor 14). As afirmações nos vv. 29-30 estabelecem um ligame com os vv. 16-20, acentuando a diversidade de dons, pois são eles que constituem o corpo eclesial, ao contrário não seria um corpo. Ao mesmo tempo

sublinha suas diferentes funções. Portanto, todos os carismas estão a serviço do bem comum, não havendo um maior do que o outro.

O ministério também é um carisma ligado à pregação ou ao de coordenar da comunidade, que se reunia nas casas. Além da comunhão, Paulo acentua a solidariedade, a participação e a corresponsabilidade entre os membros, que se colocam a serviço para a edificação da comunidade. Esses carismas específicos estão no cerne de nossas Congregações, expressando essa unidade e, ao mesmo tempo, a criatividade do Espírito, e que são chamados a caminhar juntos nesse corpo eclesial, tendo como centro a unidade trinitária.

Para dialogar em comunidade:

1. Qual é a relação entre sinodalidade, carismas e ministérios? Qual é a relação entre o carisma do seu instituto e sinodalidade (caminhar juntos com o diferente)?
2. Como manter vivo o carisma diante das exigências e dos desafios da realidade atual?
3. Estamos acolhendo o carisma que nos foi dado, que tem como fonte a comunhão trinitária?

Referências

ALETTI, J.-N. **Eclesiología de las cartas de San Pablo**. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2010.

BARBAGLIO, Giuseppe. **As cartas de Paulo (I)**. São Paulo: Loyola, 1989.

SILVANO, Zuleica A. **Carta aos Gálatas**: “até que Cristo se forme em nós” (Gl 4,19). São Paulo: Paulinas, 2021.

TABORDA, Francisco. **A Igreja e seus ministros**: uma teologia do ministério ordenado. São Paulo: Paulus, 2011.

TABORDA, Francisco. Carisma e institución. **Boletín CLAR**, Bogotá, v. 28, p. 20-26, 1990.

ZABATIERO, J. P. T. M. As listas de dons espirituais em Paulo. In: ROSSI, L. A. S.; SILVA, V. da. (Orgs.). **Dons e carismas na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2020.

Por um amanhã mais sinodal

Ir. Silvânia Aparecida Coelho¹
Ir Teresinha Mendonça Del'Acqua²

Em tempo algum se pronunciou tanto a palavra sinodalidade. Nosso reconhecimento à Igreja, na pessoa do Papa Francisco, por nos ter presenteado com a proposta sinodal, provocando-nos a um novo olhar, novas atitudes e desejo de conversão, mediante a sua convocação para um caminho de discernimento, a partir da escuta da Palavra de Deus, rezada e partilhada entre irmãos e irmãs.

É verdade que nos situamos numa época caracterizada por múltiplas mudanças rápidas e profundas. Somos afetadas/os por numerosas tensões, violências, exclusões, crises econômicas, culturais, políticas, sociais, alimentícias, climáticas, abusos de poder, de autoridade, de consciência, de ordem sexuais, culturais e sistêmicos. Exatamente nesse burburinho e convulsão planetária somos convocadas/os e interpeladas/os, por meio do Sínodo Eclesial (2021-2024), a assumirmos com radicalidade nossa identidade batismal como Povo de Deus, ou seja, o protagonismo cristão na vida eclesial (*LG*, n. 10).

¹ Irmã Serva da Santíssima Trindade. Superiora Geral da Congregação. Psicóloga. Conselheira da CRB Nacional. Endereço para contato: silvaniastscelho@gmail.com

² Irmã Franciscana de Maria Imaculada. Psicóloga. Membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da CRB Nacional. Endereço para contato: teresinhamendel@gmail.com

Segundo o teólogo Renato Alves de Oliveira, a sinodalidade expressa um “convite a uma caminhada em conjunto na Igreja, um método eclesial que deve perpassar todas as instâncias, organismos, ministérios e ministros da Igreja.” (2022, p. 267).

A sinodalidade nos mergulha, imediatamente, na Trindade que é o modelo perfeito e por excelência, de comunhão, relação, unidade na diversidade, de reciprocidade, de inclusão, de valorização e acolhimento às diferenças; características básicas que não podem faltar na concretização da vivência sinodal. Portanto, a sinodalidade eclesial está pautada na construção da comunhão, de uma Igreja em saída, como recorda o Papa Francisco; aberta e aprendiz no exercício da inclusão, considerando que todas as pessoas, independente de raça, classe social, gênero e idade são sujeitos importantes na edificação diária do caminho sinodal.

Acontece que, com o caminhar histórico, o caráter sinodal eclesial, ou seja, participativo, corresponsável, dialogal, inclusivo, foi sendo, gradualmente, contaminado e desvitalizado por ideologias totalitárias, modelos hegemônicos, hierárquicos, centralizadores e excludentes dos diferentes e das diferenças. Sutilmente, a Igreja em suas amplas e múltiplas configurações históricas e, conseqüentemente, a Vida Religiosa Consagrada, (VRC), como parte integrante e muito vital na Igreja (DAp, n. 216-224), foram se concebendo, se organizando e se expressando de formas mescladas por tais ideologias, tornando-se “barcas pesadas” para se deslancharem no oceano do discipulado missionário de Jesus Cristo. (DAp, n. 31).

Caminhando com a Igreja que nos interpela a peregrinar por veredas sinodais, mesmo navegando entre correntezas humanas, culturais e estruturais tempestuosas, podemos

ressaltar expressivas formas emergentes de sinodalidade que têm potencializado a VRC:

- a) interesse e entusiasmo crescentes, proféticos e vigorosos por maior compreensão e vivência da sinodalidade em sua amplitude, traduzida no concreto das relações interpessoais comunitárias e pastorais e nos paradigmas organizacionais, desde as pequenas opções cotidianas;
- b) inspiradas/os pelo horizonte da 26ª Assembleia Geral Ordinária da CRB e Conferência Latino Americana e Caribenha, destacamos o empenho de avançarmos no ressignificar a VRC em chave sinodal, com o dinamismo audaz das “Mulheres da Aurora, enfrentando as ondas adversas, tanto *ad intra* como *ad extra*;
- c) retomadas gradativas de experiências sinodais com novos olhares e realces, potencializando-as e, criativamente, fazendo outras práticas de vida, alicerçadas numa subjetividade humanizadora, nos valores essenciais e inegociáveis, segundo a proposta do Evangelho, dos Carismas Congregacionais e dos Institutos de Vida Consagrada;
- d) as práticas sinodais vão se desdobrando, envolvendo novas e mais leves relações, expressões linguísticas mais cordiais, formas estruturais e organizacionais menos formais e mais dialogalmente inclusivas, humanas e humanizadoras;
- e) as análises, os discernimentos e as decisões têm sido realizadas de forma mais suave, envolvente e corresponsáveis, pelas Irmãs e Irmãos, à luz do Evangelho (At 15,28), que se colocam em atitude de discípulas/os, num clima de oração e escuta ao Espírito Santo, conforme nos lembra o profeta Isaías “Toda manhã o Senhor desperta meus ouvidos para que, como uma boa discípula, bom discípulo, eu pres-

te atenção” (Is 50,4b). Percebe-se ainda, um novo jeito de discernir, comunitariamente, utilizando o método da Conversação Espiritual, banindo assim as decisões tidas como democráticas, segundo o voto da maioria sem consenso e que abre brechas para partidarismos, conchavos, jogos de interesses e exclusões;

- f) um jeito de viver e organizar a vida pessoal, comunitária e institucional, com revisões de compromissos, momentos de reflexões e retiros, têm sido inspirados na afirmação imperativa de Isaías - “alargue o espaço de sua tenda, estenda bem suas lonas, estique suas cordas, firme suas estacas” (Is 54,2) - texto motivacional da Etapa Continental do Sínodo.

Expande-se a consciência de que a ciranda do tecer uma cultura sinodal tem seu início no profundo do ser de cada pessoa que se deixa conduzir pela inspiração trinitária quando:

- a) desejamos e nos esforçamos por uma vida mais simples, com relações de irmandade, na qual a/o outra/o mora em nossos corações como irmã e irmão;
- b) assumimos uma coordenação e animação, considerando que a vida é processo e a participação de todas/os é fundamental nas tomadas de decisões;
- c) vivenciamos a circularidade nas relações e no desempenho das diversas atividades missionárias, dentro e fora de nossas comunidades;
- d) rezamos para além das orações formais; rezamos a vida com cantos, símbolos e expressões corporais dentro ou fora das nossas capelas;
- e) fortalecemos e vivenciamos em nosso cotidiano congregacional e nos diversos espaços e formas de inserção, a troca

de saberes sem considerar uma pessoa mais importante do que a outra, possibilitando novos aprendizados;

- f) buscamos vivenciar a nossa consagração batismal, como critério primeiro para a vivência da consagração religiosa, assumida nos conselhos evangélicos de Castidade, Pobreza, Obediência e outros específicos.

Sem deixar de considerar e celebrar o caminho já percorrido, há de se convir que na procura e no desejo de traçar um itinerário de um amanhecer mais sinodal, nos deparamos no ardor e labor de uma travessia mais dinâmica, enfrentando noites escuras com a sensação, às vezes, de estarmos distanciando daquilo que é essencial e nos prendendo no supérfluo e em comportamentos que contrariam a proposta da sinodalidade.

Há grandes desafios a enfrentar no dia a dia da vida comunitária, no jeito de governar, de estabelecer relações, de estar junto às pessoas, especialmente das mais excluídas e em contextos de vulnerabilidade, de viver a missão, de nos relacionarmos com os nossos colaboradores e leigos, ligados aos nossos carismas.

Urge uma Vida Religiosa Consagrada nova, que dê respostas novas para os clamores desse tempo que se chama hoje. A verdadeira vivência da sinodalidade é caminho profético e oferece grandes contribuições para a construção de uma Vida Religiosa Sinodal, com traços e expressões de mais amor, gratuidade, respeito, inclusão, alegria, humanidade, enfim, uma vida que testemunha o amor de Deus, na qual as pessoas, olhando para o interior das Congregações, Institutos e para o jeito de ser e viver de cada mulher e homem consagrados, pos-

sam fazer a experiência de um Deus que é amor, misericórdia, compaixão e caminheiro.

Fixemos o nosso olhar e o nosso coração na Santíssima Trindade, como verdadeiro protótipo da sinodalidade. Tenhamos presente que o nosso Deus Uno e Trino é comunhão e que nenhuma das três pessoas divinas vivem para si, mas para a outra, em profunda inter-relação, numa ciranda do mais puro amor. Vislumbramos um caminho longo pela frente, de novas práticas que muito exigirá de nós humildade, paciência amorosa e desapego, porém, não há motivos para desanimarmos, pois Jesus continua nos dizendo: “Não temas!” (Mt 10,33; 28,5), “Avancem para águas mais profundas” (Lc 5,4).

Como VRC feminina e masculina, contemplativa e apostólica e Institutos de Vida Consagrada, deixemo-nos interpellar e transformar pelo Espírito que sopra cinzas e poeiras, suscitando novo vigor, (Jo 3,8), “fazendo novas todas as coisas.” (Ap 21,5). Continuemos a caminho como VRC, constituída de mulheres e homens da aurora, que teimam em romper a escuridão. Prossigamos tecendo a grande rede da missionariedade, da intercongregacionalidade e das relações humanizadas, escutando, diariamente, do mestre Jesus: “Permanecei no meu amor!” (Jo 15,9).

Para dialogar em comunidade:

1. Como abraçarmos, cada vez mais, a sinodalidade como uma inspirada oportunidade de avançarmos no exercício da comunhão, do respeito, do diálogo, do perdão e das relações mais sororais e fraternas, como Vida Religiosa Consagrada e Institutos de Vida Consagrada?
2. A busca da vontade de Deus e a tomada de decisões, mediante as interpelações da realidade, tem sido a partir da escuta da Palavra, do Espírito e do vigor original dos carismas de nossas Congregações e Institutos ou a partir de certas necessidades, urgências e interesses pessoais ou grupais?
3. Quais estacas imóveis temos mantido em nós como indivíduos, como comunidade e como Congregação e Institutos, que nos impedem de desapegarmos de certos conceitos, ideologias, cargos, lugares, formas organizacionais, impedindo nossa itinerância discipular e missionária?

Referências

CELAM. **Documento de Aparecida**. São Paulo, Paulinas, 2007.

OLIVEIRA, Renato Alves. A Trindade como fundamento teológico da sinodalidade. **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 69, p. 248-279, jan/jun. 2022.

A Vida Religiosa Consagrada (VRC) no estilo sinodal ferida com práticas anti-sinodais

Ir. Teresinha Mendonça Del'Acqua¹

Inicialmente gostaria de explicitar que esta reflexão-conversa tem por objetivo avançarmos no processo de aprendizagem e vivência do estilo sinodal, em sua abrangência e profundidade, através de ações transformadoras de paradigmas, práticas e estruturas. Perseguindo tal objetivo serão utilizadas certas iluminações teóricas e análises esperançosas de maiores e novas expressões sinodais na VRC, tanto feminina como masculina nas suas múltiplas formas.

A sinodalidade vertical e horizontal, profética e potencializadora de humanismo saudável

A prática da sinodalidade tem perpassado a história da Igreja em diferentes intensidades e nos últimos anos ela tem tido relevância vital e até determinante do futuro eclesial. A sinodalidade tem a Trindade como fonte inspiracional e ex-

¹ Irmã Franciscana de Maria Imaculada. Psicóloga. Membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da CRB Nacional. Endereço para contato: teresinhamendel@gmail.com

pressão de unidade na diversidade, de acolhimento da singularidade, de inclusão e de reciprocidade. Conforme o Papa Francisco (2021) “o tema sinodalidade não é um capítulo de eclesiologia, muito menos uma moda, um slogan”. Trata-se, segundo ele, de um estilo de vida eclesial encarnado no cotidiano.

A Sinodalidade é uma questão de humanização das relações do ser humano no seguimento discipular e missionário de Jesus Cristo no mundo. Como a sinodalidade não é estática, ela fomenta e fortalece experiências de poder como capacidade de influenciar, impactar, nutrir e integrar a diversidade de dons (Cor 12, 4-11), capacidades e potenciais humanos e de motivar mudanças positivas em benefício do bem comum, na modalidade de serviço, discernimento comunitário, corresponsabilidade, ampliação e articulação do rosto plural da Igreja.

O *Instrumentum Laboris* para a Primeira Sessão Sinodal a ser realizada em outubro de 2023, em seu número 6, afirma que “a dinâmica sinodal é uma maneira de apreciar e aprimorar a rica diversidade sem esmagá-la em uniformidade”. Renato Alves de Oliveira, enfatiza que “a sinodalidade é um convite a uma caminhada conjunta na Igreja. Trata-se de um método eclesial que deve perpassar todas as instâncias, organismos, ministérios e ministros da Igreja! (2022, p. 248-279). Portanto, o estilo sinodal de ser e atuar não compactua com paradigmas piramidais e excludentes. A sinodalidade como um modo relacional e organizacional humanizador nos interpela à profundas e sérias revisões e mudanças radicais a partir de uma disposição integral para um dinamismo construtivo de respeito orante, de escuta atenta e não julgadora, diálogo, discernimento comunitário e de transformação

pelo Espírito. (*Instrumentum Laboris...*, n. 18). Com tais enfoques torna-se claro que a sinodalidade não oferece soluções mágicas, mas aponta caminhos esperançosos e dinâmicos que desafiam nossa criatividade, a sermos “mais ouvido” do que “palavras”, às relações mais humanas, centradas em Jesus Cristo e à novas práticas.

Evidente é que a VRC na sua essência é profeticamente audaz, portadora de criatividade contínua, de impulso para o crescimento, para a maturidade e para múltiplas formas de serviços e ministérios e tem implementado diversas práticas sinodais ao longo de sua história. Acontece, porém, que a VRC se encontra imersa na sociedade e na Igreja, ambas gradualmente, mescladas por diferentes antropologias, filosofias, teologias e ideologias seculares e multipolarizantes. Inegável é que as impactantes e numerosas influências recebidas nem sempre são congruentes à sua identidade inspirada no Evangelho, no serviço samaritano (FT, cap. II) e nos princípios inegociáveis da fé cristã católica.

Lentamente, a igreja e a VRC como parte integrante e vital na Igreja (DAp, n. 216-224), foram sendo organizadas de formas piramidais, hierárquicas e baseadas no binômio domínio e subserviência e adotando certas terminologias que expressavam e legitimavam tais práticas, muitas dentre elas ainda vigentes. Chegou-se a considerar a obediência sem consciência crítica e corresponsabilidade, denominada “obediência cega” como uma virtude relativa à santidade.

Perguntemo-nos: Em tempos de ampliação da consciência, de processos sinodais e de expansão da subjetividade saudável e criativa, é coerente continuar usando termos que, histórica e psicologicamente, traduzem conceitos e imagens

piramidais e hierárquicas e podem evocarem experiências de negação da dignidade batismal tais como “superior/a”, “moderadora/or suprema/o”, “definidora/or”, “inspetora/or” e outros termos correlatos que enfatizam concepções de poder vertical, de mando e expressam classismo?

Mesmo mergulhada no vasto oceano um tanto temido a respeito da sinodalidade eclesial profética e em águas um tanto turvas, numerosos têm sido os avanços das adesões criativas e entusiastas, já traduzidas em ações transformadoras, impulsionadas também pelo tema do 3º Ano Vocacional do Brasil, “Vocação: graça e missão” e pelo lema: “Corações ardentes, pés a caminho”.

Dentre outras expressões de adesões, merecem destaques as seguintes:

- a. Empenho pela saída contínua do “eu” para um “nós”, como Igreja comunidade relacional orientada para a missão;
- b. Revisão de linguagem, muitas vezes não inclusiva e até preconceituosa e excludente;
- c. Ampliação da consciência e discernimento vigilante quanto às resistências e objeções ao novo, ao inesperado e ao diferente individual, ritual, cultural, estrutural e sistêmico;
- d. Séria revisão dos programas e práticas religiosas formativas, institucionais e pastorais em vista do empoderamento das pessoas como sujeitos ativos de sua formação, na sociedade, Igreja e congregações;
- e. Diminuição de práticas cotidianas de privilégios, conchavos, chantagens emocionais, conivências não saudáveis e induções que cerceiam a liberdade nas escolhas e adesões;
- f. Criação e efetivação de protocolos de prevenção e tutela de crianças, adolescentes e pessoas em condições de vulnera-

bilidade e promoção de espaços seguros de proteção e de cuidado *ad intra* e *ad extra*;

- g. Empenho na prática da cultura do encontro na acolhida e apreciação da pluralidade étnica, cultural, intergeracionais, dons e habilidades, rompendo fronteiras e buscando caminhar juntas/os superando as fragmentações e polarizações;
- h. Discernimento dos sinais dos tempos em sintonia e atenção ao sopro do Espírito que garante a fidelidade à missão e se revela à Igreja possibilitando decisões consensuais proféticas, soprando onde e quando deseja. (GS n. 4; Ap 2, 7; Jo 3,8));
- i. Tecelagem da vida em comum a partir da singularidade e colaboração de cada pessoa, segundo a diversidade dos carismas expressos em diferentes funções;
- j. Desenvolvimento de atividades e organização de equipes focadas na missão e não nas preferências e habilidades individuais ou redução das pessoas a meros instrumentos para manutenção e desempenho institucional;
- k. Formação para a sinodalidade, fortalecendo as práticas sinodais já existentes e, intencionalmente, desenvolvendo novas com maior consciência de que o processo é interminável, por se tratar de um estilo de vida.

Anti-sinodalidade traiçoeira

Concomitantemente às crescentes adesões e o interesse vigoroso e criativo em relação à sinodalidade, há fortes expressões anti-sinodais violentadoras da dignidade humana, que sinalizam a necessidade de tornar realidade a afirmações

de São Paulo: “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28) e da afirmação do documento conciliar *Lumen Gentium*. n. 28, “nenhuma desigualdade existe em Cristo e na Igreja, por motivo de raça ou de nação, de condição social ou de sexo”. Não inesperadamente, emergem do profundo do oceano da insegurança e do medo de perder status e prestígios ministeriais, geralmente vinculados ao poder hierárquico, centralizador e opressor, excludente de forças vitais à Igreja, “bolhas” de resistências cristalizadas, defensoras de uma Igreja patriarcal, piramidal e clerical alicerçadas num radicalismo petrificado.

Embora seja um caminho profundamente desafiador, constrangedor, doloroso, porém, inegavelmente necessário, se quisermos uma Igreja mais transparente do Reino de Deus, usemos mergulhar na obscuridade oceânica da VRC e detectar alguns elementos sabotadores dos pilares sinodais, ou seja: comunhão, participação e missão. Minha intenção ao abordar essa temática é lançar *flashes* de luz sobre o imenso *iceberg* menos saudável, submersos na VRC, em suas várias formas e motivar possível ampliação de percepções, reflexões e um processo de transformação profética, empoderando assim vigorosas e mais expressivas expressões dos valores propostos pelo Evangelho, descortinando um horizonte esperançoso.

Com este propósito, irmãs e irmãos, imbuídas/os de corresponsabilidade, almejando maior vitalidade, sentido e satisfação de sermos consagradas/os, desembacemos as lentes de nossa mentes e corações e na ótica de uma conversão pessoal, comunitária e institucional em chave sinodal consideremos al-

guns aspectos de nosso viver que poderão ser mais humanos e humanizadores.

Dentre tantos, queremos destacar o clericalismo que, segundo o Papa Francisco em sua fala aos jovens italianos (2018), “é uma perversão na Igreja”. Essa incisiva afirmação deve-se ao fato do clericalismo, tanto clerical como laical, constituir uma das formas mais brutais de anti-sinodalidade ou de violência abusiva da dignidade humana.

Como o clericalismo é alicerçado no exercício do poder de forma vertical e autoritária, muitas pessoas, por medo, falso “respeito” e até por certo infantilismo se tornam subservientes e se auto boicotam em suas capacidades e direitos de se expressarem com sinceridade e liberdade de participar e de ser corresponsável comunitariamente. Essa forma de idolatria a quem exerce uma função, cargo, liderança e autoridade motiva submissão opressora, passividade por parte das pessoas lideradas e atitudes e comportamentos fortemente narcisista por parte de quem detém o poder despótico. Relativamente recente, o Papa Francisco (2023) afirmou categoricamente que “chegou a hora de pastores e leigos caminharem juntos em cada âmbito da vida da Igreja, em todas as partes do mundo. Os fiéis leigos não são hóspedes na Igreja, estão em sua casa, por isso são chamados a cuidar da própria casa”.

O clericalismo como uma forma de poder opressor, abusivo e negativamente competitivo constitui um disparador propício para outras formas de violências e abusos, tais como abusos de poder, de consciência ou espiritual, de autoridade como o autoritarismo, institucional, econômico e sexual nas suas múltiplas formas e intensidades, tanto no âmbito da VRC como nos meios eclesiais em geral. Lamentavelmente,

nossa igreja encontra-se pandemicamente enferma e dilacerada, e tem perdido a credibilidade devido o aflorar dos diversos tipos de abusos, acobertados, e ultimamente escancarados por numerosas denúncias e pelos meios midiáticos.

Ampliando o nosso espectro em relação a anti-sinodalidade importante se torna pontuar que o clericalismo não é o único vilão sanguessuga da sinodalidade. Disseminados e, muitas vezes “cosmeticamente domesticados” no decorrer da história, há alguns tubarões predadores sorrateiros alojados nas profundezas de nossas concepções, estruturas e práticas cotidianas, formativas, religiosas, decisórias e pastorais. Há tempo Jesus nos alertou: “Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores” (Mt 7,15).

À essa altura destas reflexões e análises certamente alguém está se questionamento: Em meio a tantos emaranhados, por onde e como começar o exorcismo e a prevenção do clericalismo, das violências e da diversidade de abusos? Irmãs e irmãos, revisitemos nossa memória e jamais esqueçamos que, todas as grandes realizações começaram com uma intuição, uma tomada de consciência, seguida do cultivo de um forte desejo de concretizar o almejado, a partir de pequenas práticas que aos poucos se expandiram e reverberaram. Um imenso oceano é formado de minúsculas gotículas de água, que isoladas podem ser consideradas até insignificantes.

Depois do clericalismo, há outras práticas sorrateiras que também queremos assinalar:

- a) Uma formação uniforme, monofocal e intra institucional sem uma visão sistêmica, eclesial atualizada, interdisciplinar, intercultural, intercongregacional, intergeracional, interinstitucional e não personalizada, ignorando o proces-

so individual de cada pessoa: sua história, idade, necessidades, desejos, experiências profissionais, saberes prévios, cultura, experiências;

- b) A indiferença por “surdez ou cegueiras intencionais” e o desrespeito às solicitações e justas necessidades específicas;
- c) O minar e o não reconhecer os processos criativos e os diversos dons necessários ao bem comum dinâmico e as perseguições por ciúmes ou inveja;
- d) O verticalismo decisório e as transferências autoritárias, impositivas e não dialogais e a tomada de decisões pela maioria, assim abrindo brechas para partidarismos, ideologias dominantes e disputas de poder-domínio e de extermínio das expressões minoritárias, porém não menos importantes;
- e) Planejamentos inflexíveis, que ignoram as necessidades, as experiências de vida, potencialidades e as condições das pessoas destinatárias;
- f) A não inclusão de pareceres dos/as Animadores/as Vocacionais, Formadores/as e Comunidades Formadoras e Comunidades Eclesiais na aprovação de formandos/as iniciais em relação à mudança de etapas ou para admissão aos votos e ordenações;
- g) Humilhações, xingamentos, apelidos ferinos, comparações negativas, desprezos;
- h) Discriminações com base na nacionalidade, contexto cultural, etnia, gênero, fator econômico e de origem, numa mescla de aporofobia, xenofobia, homofobia;
- i) Manipulações e chantagens emocionais através de induções, pressões, intimidações, favores especiais e jogos afetivos;
- j) Ausente ou insuficiente formação ética e legal a respeito do uso dos MCS / tecnologia e responsabilidades legais.

Pistas preventivas

Após elencar diversas práticas anti-sinodais, indicamos algumas sugestões, que talvez possam prevenir ou não reforçarem anti-sinodalidade:

- a. Deixar-se conduzir pelo sopro do Espírito Santo que nos convida a um processo ininterrupto de conversão pessoal, pastoral, reforma estrutural e cultural de todos os seguimentos da Igreja e da VRC a partir da intimidade com Jesus Cristo, segundo seu mandato: “Permaneçei em mim” (Jo 15,4);
- b. Acolher a diversidade dos dons (Cf. 1 Cor 12, 4-7) e a riqueza das culturas;
- c. Incentivar e promover a corresponsabilidade na diversidade de atividades congregacionais e apostólicas;
- d. Impulsionar o trilhar caminhos de conhecimento mútuo e de partilha em vista a uma vida em comum humanizadora;
- e. Desenvolver práticas de discernimento comunitário sob a liderança do Espírito Santo;
- f. Adotar medidas preventivas às violências e abusos, assumindo efetivamente Protocolos de Proteção de Crianças, Adolescentes e Pessoas em condições de vulnerabilidade recomendado pelo Papa Francisco, colocando em ação as orientações do *Motu Próprio* sobre a proteção de menores e pessoas vulneráveis 2019);
- g. Fortalecer a corresponsabilidade do cuidado humano, espiritual e pastoral encorajando e empoderando as pessoas no seu processo de desenvolvimento integral e do serviço que é, “em grande parte, cuidar da fragilidade” (FT, n. 115);

- h. Estudar e zelar pela implementação de todas as condutas propostas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e pelo Estatuto da Pessoa Idosa em nossas comunidades religiosas e pastorais;
- i. Traçar caminhos viáveis que favoreçam os processos de reconciliação, superação de injustiças e de trincheiras, muros e divisões estéreis em vista à comunhão como uma força impulsionadora que irradia e transborda no testemunho os valores do Reino;
- j. Mergulhar na sociedade secularizadamente plural e nas grandes mudanças culturais e multidinâmicas que perpassam o tecido social tão dilacerado como pessoas sinodais iluminadas pela fé cristã;
- k. Fomentar a cultura do encontro e do acolhimento, do cuidado, do convívio e do bom trato por meio da escuta, diálogo, respeito, inclusão dos diferentes e das diferenças, educando-nos para a sororidade e a fraternidade;
- l. Rever e resignificar nossas prioridades, ritmo e estilo de relações, organizações e estruturas numa chave sinodal;
- m. Potencializar todas as experiências sinodais já existentes como capítulos locais e congregacionais, rotatividade das funções, transferências dialogadas, discernimento comunitário, equipes interdisciplinares, envolvendo leigos qualificados nas atividades congregacionais;
- n. Banir, consciente e intencionalmente de nossas atitudes, comportamentos e práticas de toda espécie e nível de manutenção e “revência mórbida e insana” ao clericalismo laical, religioso e clerical;
- o. Escutar, discernir e agir pedagogicamente, como eterno aprendizes, cômicos de que a vida discipular e missionária

- sofre numerosos e contínuos impactos, nem sempre compatíveis com os valores cristãos e o estilo da VRC;
- p. Tecer uma espiritualidade e uma cultura e práticas sinodais, a partir do discernimento pessoal e comunitário com a intencionalidade de oferecer processos formativos e pastorais adequados e condizentes às interpelações e desafios dos tempos atuais;
 - q. Ampliar a consciência e as formas de cuidado com a casa comum e com seus habitantes, especialmente, os que se encontram em condições de vulnerabilidade, desenraizados, sem voz e sem vez;
 - r. Promover círculos de comunicações e de experiências sinodais viáveis;
 - s. Oportunizar espaços seguros e sãos, de convivência pacífica, objetivando o aumento da confiança, credibilidade eclesial e religiosa e do vínculo de pertença corresponsável;
 - t. Aprofundar as referências teológicas, espirituais e pastorais que impulsionam o desdobramento do processo sinodal em nossas práticas cotidianas;
 - u. Desnaturalizar o relativismo, as violências e os abusos diversos.

Elementos conclusivos

Considerando a sinodalidade como um elemento determinante das relações humanas humanizadoras e reconhecedora da dignidade da *pessoa imagem de Deus* (CTI, 2004), com a mesma dignidade batismal, podemos afirmar que as práticas sinodais são inegáveis antídotos e preventivos eficazes a todas as formas e níveis de violências auto infligidas, interpessoais, institucionais, estruturais, culturais, sociais e sistêmicas.

Inegavelmente, temos um longo caminho ainda a percorrermos, alimentando um ininterrupto itinerário de conversão, pessoal, comunitária, institucional, estrutural, eclesial, cultural e pastoral centrados no seguimento discipular e missionário de Jesus Cristo que nos agraciou com o mandato: “Todo aquele que quiser, entre vós, fazer-se grande, que seja vosso serviçal; e qualquer que, entre vós, quiser ser o primeiro, que seja vosso servo, bem como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muitos.” (Mt 20, 26b).

Não desanimemos, Irmãs e Irmãos! prossigamos com confiança, paciência, perseverança criativa, audácia e respeito aos diferentes ritmos, cultivando a mentalidade e o estilo sinodal com linguagem renovada e inculturada. A jornada humana é um contínuo processo de conversões e aprendizagens sucessivas e sinuosas, entre ondas agradavelmente sonoras alternadas por ondas revoltas e amedrontadoras do tecer histórico. Continuemos no empenho por assumirmos o estilo sinodal de ser, realisticamente firmes, sem desânimo, na esperança e no dinamismo do verbo esperar, entre muitas feridas históricas abertas, contradições, limites e contínuas interpelações socioculturais, mas seguramente enxertadas/os em Jesus Cristo. Tomemos a sério os seus mandatos:

- a) “Permaneça no meu amor” (Jo 15,9);
- b) “Avancem para águas mais profundas” (Lc 5,4);
- c) “Não temas, pois eu estou com você; não tenha medo, pois eu sou o seu Deus. Eu o fortalecerei e o ajudarei; eu o segurarei com a minha mão direita vitoriosa”. (Is 41,10).

Alarguemos o espaço de nossas tendas, estendamos bem suas lonas, estiquemos suas cordas, firmemos suas estacas. (Is 54,2) lembrando-nos que “ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha.” (Mt 9,16).

Para conversar em comunidade:

1. Que práticas sinodais podemos assumir comunitariamente para que haja mais acolhida, participação espontânea e entusiasmo em ser consagrada/o pela missão?
2. Em quais aspectos nossa organização comunitária e nossos processos formativos favorecem a condição de vulnerabilidade e atitudes passivas dos membros da comunidade e das/os formandas/os?
3. Como podemos reconciliar dinamicamente a corresponsabilidade, a autoridade e a participação?
4. Como temos articulado a comunhão, a participação e a missão, pilares do Sínodo, em nossos relacionamentos, organizações e práticas cotidianas?

Referências

CELAM. **Documento de Aparecida**. São Paulo, Paulinas, 2007.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL (CTI). **Comunhão e serviço**: A pessoa humana criada à imagem de Deus. 2004. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. **Constituições, Decretos, Declarações**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FRANCISCO Papa. Sinodalidade não é um slogan, significa essencialmente "caminhar juntos". **Vatican News**, 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021->

09/papa-francisco-encontro-diocese-roma-sinodalidade.html
Acesso em: 8 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**. Carta Encíclica sobre a Fraternidade Social e a Amizade Social. São Paulo, Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Motu Próprio sobre a proteção de menores e pessoas vulneráveis**. Roma, 26/03/2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20190326_latutela-deimiori.html

FRANCISCO, Papa. Os leigos não são "hóspedes" em sua própria casa. O clericalismo é uma praga. **Vatican News**, 13 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-02/papa-francisco-leigos-sinodalidade-corresponsabilidade-pastores.html>. Acesso em: 8 set. 2023.

INSTRUMENTUM LABORIS do Sínodo para a Amazônia. Vaticano, 19 de junho de 2019. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html> Acesso em: 01 set. 2023.

OLIVEIRA, Renato Alves. A Trindade como fundamento teológico da sinodalidade. **ATeo**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 69, p. 248-279, jan/jun. 2022.